

Conceitos fundamentais da Psicanálise

**Apresentação, leitura e comentários de
Seminários e Textos de Jacques Lacan**

Os Nomes-do-Pai

e

Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise

Paulo Medeiros

5. 13 de abril de 2004

*Memória e transcrição de gravação*¹

*Leitura crítica
do texto lacaniano*

Lacan não é para se ler, simplesmente, mas se estudar. Deve-se, além de se ler o texto lacaniano, pesquisá-lo, comparando versões. Não se lê Lacan como se lê, por exemplo, Machado de Assis. Ler Lacan vai além de uma leitura prazerosa, curtida numa rede, ainda que se possa lê-lo assim também, é claro, mas em certos momentos vai nos dar mais trabalho, vai nos exigir mais esforço na compreensão do seu texto para além de uma dada significação imediata.

Hoje gostaria de propor, como método, alternar, com esse modo expositivo que vimos usando, uma ampliação na leitura de seus textos e nas discussões entre nós, isso porque, a partir da leitura do próprio texto, ele próprio far-nos-á melhor trabalhá-lo, propondo-nos questões para discussão.

Hoje Lacan estaria, se lhe fosse possível viver tanto, com cento e?... dois, não, cento e três anos. Nascido em 1901, morto em 1981. Viveu oitenta anos. Durante sua vida fez história, marcando-a com momentos de rupturas que foram, simultaneamente, momentos de virada em seu ensino, cruciais, como já acentuamos aqui a partir de nossa introdução e contextualização desse Seminário, objeto de nossa leitura atual. Podemos considerar tais momentos como atos, atos analíticos, e sobre um desses momentos, um dos mais graves, leremos agora, na primeira sessão desse Seminário, como Lacan o apresentou.

*O título, um viés
monotemático*

Nessa primeira sessão, encontramos um título, “*A excomunhão*”, e uma relação de temas por ele abordados. Mas

¹ Paulo Medeiros. Revisão ortográfica: Dulcinea Santos.

devemos acentuar que esses títulos, por vezes, podem tornar-se prejudiciais à leitura, induzindo o leitor a uma leitura sugestionada por um viés mais monotemático, quando, na verdade, a abordagem é sempre bem mais ampla do que a restrição sugerida por tais títulos, colocados como forma de organização editorial de livro. Lacan não dava título a cada sessão de seus seminários. Nesse seminário com que ora nos ocupamos, o título que lhe foi atribuído pelo editor foi *Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*, anunciado, num primeiro momento, como *Os fundamentos da Psicanálise*, diferença que poderemos conversar a propósito. Sabemos que cada sessão era considerada uma sessão, ou uma aula, sem receber nenhum título por Lacan.

Intervenção – (...).

Versões “pirata”

Quando esse Seminário foi editado, Lacan ainda vivia e, certamente, aprovou essa forma editorial, autorizando-a. Mas gostaria de informar para vocês sobre como estudamos Lacan a partir de comparações entre versões. Encaminhei-lhes pelo correio eletrônico uma transcrição dessa primeira sessão, e fá-la-ei circular agora, em sua forma impressa, para que formem uma idéia de como esses textos eram tratados originalmente. Trata-se da mesma sessão desse Seminário editado, só que numa versão, como costumamos chamar, “pirata”, sendo essas as mais confiáveis, devido ao frescor que mantêm com as versões originais. Essa versão, que vocês observam, foi baixada pela Internet, na Página da *École Lacanienne de Psychanalyse*, acessível, naturalmente, a qualquer usuário do sistema. A fonte é confiável, pois essa instituição, dentre as dezenas de instituições existentes em Paris, é uma das mais sérias existentes. Então, friso mais uma vez, devemos estudar Lacan a partir de várias fontes de textos. É o mínimo que podemos fazer para podermos apreender algo do seu estilo. Como sabemos também, nem sempre os textos editados correspondem ao que, de fato, Lacan disse, ou a forma como disse. É uma questão de *forma* e de *conteúdo*. Não se trata de questões de tradução para a nossa língua, mas sim da própria edição francesa. Essa forma que está circulando entre vocês agora é uma amostra de como os textos eram originalmente transcritos da forma taquigrafada ou gravada e circulavam livremente. Lacan não se importava com isso, ao contrário. Vou lhes dar um exemplo, dizendo-lhes de como, certa feita, reclamaram no auditório de que não conseguiam ouvi-lo bem através do sistema

de som usado; então Lacan descobriu que a razão disso se devia ao fato de que haviam colocado tantos gravadores nas caixas acústicas existentes que não permitiam fosse melhor ouvido no salão. Logo, não havia ainda a proibição existente atualmente. A fala de Lacan era livremente gravada, transcrita e policopiada.

Intervenção – (...).

Esse texto seguiu por meio de um programa específico...

Intervenção – (...).

Sim, isso, chama-se Adobe.

Intervenção – (...).

Não... Ah, sim, claro! Trata-se de outra mensagem com a imagem do quadro da capa, *Os embaixadores*. Não há necessidade de imprimir esses textos, salvo se por interesse de estudos pessoais mais aprofundados, servindo para indicar-lhes haver, de fato, necessidade de se manter uma pesquisa contínua.

Muito bem. A minha sugestão é a de que leiamos o texto e passemos a discuti-lo da maneira mais adequada para sua compreensão, trazendo nossos comentários, nossas dúvidas. Quem quer começar a leitura?

- Eu posso começar.

- Intervenção – (...).

Na verdade, não comparei... Você não gostaria de acompanhar o texto em francês, Adelaide? Seria ótimo se você acompanhasse a leitura do texto e nos indicasse, caso haja, alguma diferença entre a versão livre e a do livro editado.

Adelaide é uma de nossas tradutoras. Nós temos um grupo de trabalho voltado para a tradução de textos usados em nossos estudos, de Lacan, principalmente.

Um momento nessa passagem. Destacaria aí duas coisas: já tentei situar, e ele vai falar mais sobre isso, as razões de ele estar na Escola Prática de Altos Estudos; outra coisa diz respeito ao título do Seminário, anunciado primeiramente como *Os fundamentos da Psicanálise*, sendo o título da transcrição que lemos, diferente, *Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*, com o qual concordo, até porque começaremos, creio, a perceber a importância do *quatro*

Intervenções

no desenvolvimento da lógica trabalhada dialeticamente por Lacan, incorporando mais um elemento à tríade fundamental da Psicanálise, pai, mãe, filho.

- Continuação da leitura do texto...

Fernand Braudel, um historiador bastante conhecido, diretor, na época, dessa Seção mencionada.

- Continuação ...

Algum comentário?

Sim. Foi-lhe imposta uma condição, a de abdicar de sua função de didata; ele só poderia permanecer na instituição, a *International Psychoanalytical Association*, se abrisse mão de seu ensino; preferiu, naturalmente, demitir-se, recusando-se a uma negociação.

Intervenções - (...).

Sim, tratam-se de posições políticas. Ele negou-se a negociar, transigir no que lhe era fundamental.

Intervenção - (...).

Coloca-se em relação a uma definição epistemológica de um campo. Esses conceitos fundamentais, no sentido de fundamentos que fundam um campo, o novo campo da Psicanálise, enquanto conceitos, conceitos que possam delimitar um campo, o campo freudiano, a partir dessas definições conceituais.

Intervenção – (...).

Esses conceitos permitem delimitar esse campo, e, veremos, como se situa em relação a outros campos, já conhecidos, como os da Religião e da Ciência. Então, ao começar pelos *nomes do pai*, foi justamente nesse sentido de haver algo que Lacan trará também aqui, nesse mesmo texto que lemos agora, algo comparativo, ao mesmo tempo em que nos leva a indagar sobre o que é, afinal de contas, a Psicanálise. Foi nesse contexto que Lacan pinçou esses quatro, por considerar esses quatro conceitos como delimitativos do campo freudiano, o psicanalítico.

Intervenção: João Fernando Calsavara – Quando você fala em fundamento, o que funda não existe antes.

Se bem que no caso... Eu não havia pensado dessa forma, mas vamos prestar atenção a partir dessa sua observação no decorrer de nossa leitura. Friso tão somente serem tais fundamentos freudianos. Advêm dessa relação a um nome de pai, Freud, e não dele, Lacan.

Continuação da leitura do texto: página 10 e seguintes.

Henry Ey

Henry Ey, não sei se todos conhecem esse nome, mas trata-se do nome de um psiquiatra muito respeitado nos meios psicanalíticos e, segundo Lacan, foi alguém que conseguiu arear a Psiquiatria francesa, humanizá-la, como costumamos dizer, e sua presença na primeira sessão de Lacan, após sua demissão na *International Psychoanalytical Association*, somando-se às demais presenças de renome na cultura francesa, demonstram o apoio dado a Lacan. Existem uns poucos textos de Henry Ey, que eu saiba, publicados entre nós, no Brasil: *O inconsciente*, textos recolhidos no VI Colóquio de Bonneval de 1960, Colóquio por ele organizado, foi publicado pela Biblioteca Tempo Brasileiro, em 1969; conheço outro, mas publicado em Lisboa em 1979, *Sobre a Psicanálise* São ambos coletâneas de artigos de vários autores.

*Os três campos
fundamentais do
Saber no ensino de
Lacan*

Nesse contexto, Lacan, ao se indagar sobre o que é a Psicanálise, vai, então, fundamentá-la, e a partir de quê? Lacan trabalhou mesmo, para valer, a partir de várias outras áreas, mas se deteve mesmo, para fundamentar seu ensino sobre o que é a Psicanálise, em, basicamente, três campos: Lingüística, Lógica e Topologia. São as três áreas com as quais Lacan lidou todo o tempo para formalizar conceitos que definissem o campo freudiano.

Intervenção – (...).

*Paranóia – via de
iniciação de Lacan
na Psicanálise*

Lacan era de formação médico-psiquiátrica. Sua tese em doutoramento, datada de 1932, e publicada no Brasil em 1987, pela Editora Forense-Universitária, recebeu o título *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*. A entrada, se assim podemos dizer, de Lacan, na psicanálise, foi pela via da paranóia, marcando, nesse sentido, diferença em relação a Freud, que a recebeu pela via da histeria. Freud ouviu o Inconsciente a partir da fala na histeria; Lacan começou a adentrar em Freud, no Inconsciente freudiano, a partir da paranóia, das psicoses, isso em 32. O discurso inaugural de Lacan, no campo psicanalítico

Discurso de Roma

*Campos distintos -
Psicanálise,
Psiquiatria e
Psicologia*

*Influência, em
Freud, da
mentalidade
pedagógica medieval,
na classificação das
Ciências*

propriamente dito, campo freudiano, ocorreu em 1953, com o assim chamado *Discurso de Roma*. Enquanto campos, as diversas disciplinas, a seguir, são áreas completamente distintas, ou seja: Psicanálise, Psiquiatria, Psicologia são completamente diferentes. A Psicanálise nasceu no campo da Medicina, dela, no entanto, destacando-se; trata-se da inauguração de uma nova área, e, para usar um termo epistemológico, formalizado por Althusser, operacionalizou-se então uma ruptura, um novo campo foi inaugurado. Freud inaugurou esse novo campo. É uma vereda, essa dos campos próprios, que podemos buscá-la na assim chamada Idade Média, com o advento da classificação das Sete Artes Liberais, modalidade empregada na educação empreendida pelos monges beneditinos, em áreas divididas entre *Trivium* e *Quadrivium*. Tal divisão, de origem aristotélica, marcou bem as diversas áreas, prevalecendo até nossos dias nos meios acadêmicos. Ao *Trivium* compreendiam a gramática, a retórica e a lógica; o *Quadrivium* abordava a aritmética, a geometria, a astronomia e a música. Freud, de certo modo, mostrando a abrangência de sua nova descoberta, beneditizou a Psicanálise, de acordo com o modelo instaurado por aqueles monges, bastando ler sua *Análise Leiga* para constatarmos o quanto de campos correlatos para investigação foram por ele listados, muito além, portanto, do campo restrito da Medicina. A grande questão para a Psicanálise, em relação a esses campos definidos academicamente, é a de que a Psicanálise não encontra lugar em nenhum desses campos. A gente se pergunta: será possível domar o desejo enquanto um saber?

Intervenção: João Fernando Calsavara – Esses conceitos fundamentam-se na Psicanálise ou a Psicanálise se fundamenta nesses conceitos?

... se fundamenta, não é? Sim, Fernando, parece ser assim mesmo; fundamenta-se nesses conceitos, conceitos advindos, isso é fundamental, de uma *práxis*, de uma prática, é um tratamento. Não se podem dissociar os conceitos da Psicanálise da clínica, de sua prática.

Intervenção: Maria Teodora de Barros Oliveira – Esses conceitos advêm da prática: fundam e são fundados.

*Campo semântico do
termo inconsciente*

E como são conceitos fundantes e fundamentais fica difícil repensá-los em outros termos; basta indagarmos sobre o termo inconsciente, por exemplo, tão fundamental. Já existia no

campo da Filosofia, com Hartmann, por exemplo. O termo inconsciente não parece ser o mais próprio para designar um conceito fundamental.

Intervenções

Intervenção – (...).

Eu não sei como podemos começar a fazer uso de um outro termo, até porque substituir termos de batismo é algo bastante difícil; depois de um conceito fundamental, principal, ser firmado num determinado campo, torna-se quase impraticável pensá-lo em outro termo. Lacan, mais adiante do texto que ora estudamos, trará outras associações para novas composições do termo, criando outro, num jogo com a palavra alemã empregada por Freud, *Das Unbewusste*, abrindo para novas possibilidades; porém, não há nenhuma possibilidade que defina, com um só vocábulo, aquilo que o termo empregado por Freud faz. Mas pensemos um pouco sobre o que esse termo, inconsciente, designa; pode até tratar-se de um desmaio. O Inconsciente, ao contrário, opera ininterruptamente, não dá trégua ao sujeito; não se tira férias do Inconsciente, visto ser uma forma permanente de agir, estando a operacionalizar sempre o sujeito, o sujeito ao Inconsciente.

Intervenção: João Fernando Calsavara – O Inconsciente transformado em ato - conceito de transferência.

Exatamente, Fernando. A gente poderia chamar a isso Inconsciente. Lembro-me dessa citação que faz a partir de uma fala de Lacan, em Genebra, em 1976, sobre Joyce. Em relação a ser o *discurso do Outro*, vamos ainda nos deter sobre o que seja esse “O” maiúsculo na álgebra lacaniana. Na verdade, **A**, a mantermos o termo algébrico. A de *Autre*, *Outro* em francês. É uma relação, uma relação entre o *Outro* e o sujeito.

Intervenção: João Fernando Calsavara – Inconsciente é a soma dos efeitos da fala sobre o sujeito; o Inconsciente é o discurso do Outro, os efeitos da fala no sujeito.

Cultura como fonte da Psicanálise

Continuamente. Um exemplo, partindo do que você está dizendo, bem, claro, a Psicanálise, ela surgiu na Cultura, de uma demanda cultural, e da Cultura se alimenta, nela se abastece e busca suprir seus termos. Assim como Lacan também se alimentou com a Linguística, com a Lógica, com a Topologia, formalmente, Freud se nutriu com a Literatura, com a História, com a Mitologia,

*Modalidade do
Inconsciente*

conforme sempre indicou em seus textos. Afinal, de onde Freud nos trouxe o Édipo senão de Sófocles, o qual, por sua vez, já trouxe das origens lendárias? O que havia, no entanto, nesse texto de Sófocles, que serviu a Freud para marcar a diferença daquilo que estava a desvendar? Voltando à questão proposta há pouco, poderíamos definir o Inconsciente como um *não-saber*? É, creio, uma possibilidade; toda a história narrada dramaticamente, sua tragédia foi não-saber. Então, se dissermos, por exemplo, que o Inconsciente é um saber insabido, ou seja, o Inconsciente está aí como um saber, inscrito e determinante, mas que não se sabe a si mesmo. Nesse sentido, a ênfase recai sobre a inacessibilidade desse saber, ainda que estando aí, presente todo o tempo. Não se o adquire, livrescamente ou por erudição; nem por apropriação consciente. Trata-se de um saber que se revela, surge e desaparece, no próprio momento do surgimento, numa situação de análise. Por que de análise? Por só ocorrer numa relação transferencial. É nessa relação transferencial que advém esse não-saber enquanto saber outro, associativo. Que nome podemos dar a isso? Mas, de qualquer forma, se conseguirmos relacionar isso a esse não-saber, estaremos próximos daquilo que o termo inconsciente tenta designar.

Intervenções

Intervenção: Maria Laura Alcoforado – Quem não sabe?

O sujeito. O próprio Inconsciente também.

Intervenção – É o sujeito que não sabe ou o ego que não sabe?

Permitam-me uma sugestão. Mantenhamo-nos no texto, pois, se seguirmos essa discussão, derivaremos por veredas infundas. Chegará o momento de discutirmos também essas coisas. A fala nos conduz por caminhos ilimitados; então, por enquanto, tentemos amarrar nossos temas ao escrito a propósito disso.

Continuação da leitura na página 11.

Intervenção – (...).

Não sei, não faço a menor idéia desta imagem usada, *questão moraga*. Alguém poderia indicar alguma idéia a respeito?

Continuação da leitura na página 11.

Intervenção: Maria Teodora de Barros Oliveira – Lacan fala de um lugar: do lado de dentro, do lado de fora...

Pós-graduados, tenham calma... *Faixa de Moebius, Garrafa de Klein...* nesse momento é avançar muito na leitura atual.

Intervenções – (...).

Acho que ele nunca desejou sair. Não parece haver sido sua intenção sair da IPA. Ele foi obrigado a isso.

Continuação da leitura na página 11.

Vocês receberam o texto sobre a excomunhão de Spinoza encaminhado pela Internet?

Intervenção – (...).

*Excomunhão de
Spinoza*

Justamente, justamente. Spinoza, no contexto do ensino de Lacan, adquire importância fundamental; foi, provavelmente, quem mais influenciou Lacan desde a sua tese em Psiquiatria fornecendo-lhe, desde os começos, o instrumental da Lógica. Spinoza, em seu livro fundamental, *Ética*, e, reparem no título completo: *Ética demonstrada à maneira dos Geômetras*, há a proposição de uma ética que pudesse ser demonstrada no rigor de uma Geometria. Lacan faz uma relação direta entre Geometria e Topologia e mantém, durante todo o curso de seu ensino, como constante, essa preocupação com a demonstração lógica dos fundamentos da Psicanálise.

Intervenção: Maria Teodora de Barros Oliveira - Podemos ver aí uma das origens do estruturalismo de Lévi-Stauss?

Sobre Lévi-Strauss, não sei.

Para facilitar a leitura de Spinoza, sugiro a leitura do livro *O Mundo de Sofia*, no capítulo sobre Spinoza, e também em Will Durand, Bertrand Russell, Marilena Chaui, entre outros.

Há, portanto, essa relação transferencial de Lacan para com o pensamento de Spinoza e essa referência à excomunhão está no contexto histórico do que se passou com Spinoza e um indício da identificação de Lacan.

Quanto ao conceito simbólico é que aí estamos na troca, baseada em regras estabelecidas; v. g., o jogo de xadrez: que há de simbólico no jogo? Sobretudo que há leis que regem como jogar. O campo de troca, fundamental, nas leis simbólicas que regem suas relações com a linguagem e a fala, sobredetermina a ação do

sujeito. O simbólico é esse campo de troca, representado nos tropos de linguagem. No campo da Repetição...

Intervenção: João Fernando Calsavara - Se não houvesse uma brecha diante da representação estabelecida, não haveria mudança. Sem Acaso, não surgiria a palavra.

O Acaso, o veremos contextualizado enquanto encontro faltoso, *Tyché* encontro faltoso em relação ao Inconsciente e a Repetição. O Acaso em relação ao Inconsciente é...

Intervenção: João Fernando Calsavara - A Verdade do sujeito não está nele mesmo, mas num objeto velado por natureza, o elemento cômico...

Estamos aí diante do que Lacan designou como *semblant*, ou seja, nessa relação do analista representado como objeto, de uma forma dissimulada, dos objetos fantasmaticizados pelo analisante, numa relação em que toda Verdade é meia-verdade. O *semblant* traz a dissimulação da Verdade, sempre meio-dita, sempre *mal-dita*.

Lacan procurava não ocupar a posição de mestre, mas de sujeito barrado. Ele dizia: falo como analisante, isto é, como sujeito e não como mestre. Ele apresentou quatro formas discursivas possíveis: o discurso do Mestre, do Senhor, discurso do Universitário, discurso do Histérico, discurso do Analista.

A posição do sujeito é o que interessa à Psicanálise. É do analisante que é possível extrair o fundamento da Psicanálise.

Intervenção - O princípio das incertezas, na Física Quântica, abriu espaço para o Acaso.

Há nisso, curiosamente, no campo discursivo, uma aproximação entre a certeza psicótica e a incerteza do “científico”. No nosso caso, o psicanalítico, há na verdade – para usar de um artifício possível a Lacan na língua francesa – uma variedade, *vérité variété*. Ou, literariamente, lembrando Guimarães Rosa, “*mente pouco quem a verdade toda diz.*”

Conforme foi mencionado, há a Faixa de Moebius, trazida por Lacan do campo da Topologia, para demonstrar uma relação entre verso e anverso que abole o conceito de uma relação fundada numa idéia de um dentro e um fora para o Inconsciente,

para a relação do sujeito com a linguagem e a fala. Um outro exemplo mencionado, a Garrafa de Klein., demonstra o haver sempre um resto inanalísável, tal qual uma borra que fica no fundo de uma garrafa. (Desenha no quadro a Faixa de Moebius e a Garrafa de Klein).

Quanto a *pudendum*, trata-se daquilo de que se evita falar (as partes pudendas). Na Psicanálise há vergonha de se falar disso? Retornemos, então, à teoria da sexualidade humana proposta por Freud. Lacan propunha, pois, um retorno a Freud, de cuja doutrina seus próceres haviam se desviado.

Continuação da leitura na página 11.

Anexo:

*Anexo sobre a
excomunhão de
Spinoza*

Texto enviado sobre a excomunhão de Spinoza:

[...] “Só sabemos que lhe foi oferecida uma unidade correspondente a 500 dólares em troca de manter-se, pelo menos na aparência, leal à sinagoga e à velha fé (**Graetz**, *History of the Jews*). Spinoza recusou a oferta – e a 27 de julho de 1656 foi solenemente excomungado de acordo com o rito hebreu”.

“Durante a leitura da excomunhão o *gothar* numa grande tuba esmorecia a espaços, e as luzes muito intensas no começo da cerimônia, iam-se extinguindo uma a uma até se apagarem todas – símbolo da extinção da vida espiritual do excomungado; por fim a congregação se retirava em trevas” (**Willis**, *Benedict de Spinoza*).

Van Vloten nos dá a fórmula usada nesse excomunhão:

“Os chefes do Conselho Eclesiástico fazem público que, já bem convencidos dos atos e opiniões erradas de Baruch Spinoza, procuraram por todos os meios e com várias promessas desviá-lo do mau caminho. Mas não conseguiram fazê-lo mudar de idéia; ao contrário, como se acham cada vez mais certos das horríveis heresias publicamente por ele confessadas, e diante da insolência com que tais heresias são difundidas, do que eram testemunho muitas pessoas de crédito do próprio dito Spinoza, ela as aceita como provadas. Feito o estudo da matéria pelo Conselho

Eclesiástico, o mesmo resolve, como resolvido tem, que o dito Spinoza seja anatematizado e desligado do povo de Israel, e que a partir deste momento seja colocado em anátema com a seguinte maldição:

Com assentimento dos anjos e santos nós anatematizamos, execramos, amaldiçoamos e expulsamos Baruch de Spinoza, com audiência da comunidade sagrada, em presença dos sagrados livros onde os seiscentos e treze preceitos estão escritos, pronunciando contra ele a maldição com que Elisha amaldiçoou os filhos e mais todas as maldições do Livro da Lei. Amaldiçoado seja de dia e amaldiçoado seja de noite; dormindo e acordado; indo e vindo. O Senhor que nunca o perdoe e receba; e que a ira do Senhor não cesse contra este homem e o carregue e todas as maldições do Livro da Lei e apague seu nome debaixo do céu e o afaste de todas as tribos de Israel, sobrecarregado com todas as maldições contidas no Livro da Lei – e possam todos que são obedientes ao Senhor ser salvo neste dia.

Por esta advertimos a todos que ninguém com ele deve ter contato por gesto ou palavra, nem por escrito; ninguém lhe deve prestar assistência, nem permanecer no mesmo teto que o abrigar, nem se aproximar dentro da distância de quatro cúbitos, nem ler nada por ele ditado ou escrito por sua mão.” (DURANT, Will: *História da Filosofia*, Cia. Editora Nacional, 1948, São Paulo, SP).